

MEIO AMBIENTE

SOLUÇÃO PASSA PELA EDUCAÇÃO

Reciclagem de PET no Brasil é destaque no mundo, como um setor industrial que cresce muito rapidamente, calcado na diversidade de aplicações

Pouco conhecidas do público em geral, a demanda e a diversidade de aplicações para o PET reciclado impressionam. Do uso mais conhecido como fibra têxtil para vestuário, mantas, cobertores, carpetes e forrações (hoje, 100% das montadoras de automóveis no Brasil utilizam carpetes de PET reciclado), à utilização como matéria-prima para a composição de tintas e vernizes, a lista se estende. Cordas de PET reciclado são exportadas aos EUA para amarração de navios no porto; o PET reciclado transforma-se ainda em chapas e termoformados para bandejas de ovos e hortifrutos; é utilizado para fitas de arquear, sendo a única aprovada para amarração em toras de madeira e vagões ferroviários nos EUA; pode voltar a fazer parte da embalagem, inclusive da embalagem de alimento, com o sistema bottle-to-bottle. A lista atinge ainda os bancos de estádios de futebol e de ônibus, mantas de drenagem dos campos de futebol (toda a marginal do Rio Pinheiros em São Paulo foi forrada com não-tecido feito de 100% de PET reciclado); piscinas, banheiras...

Por muito tempo o principal esforço da Abipet - Associação Brasileira da Indústria do PET, foi criar demanda para o PET reciclado, trabalho que começou a se desenvolver há 15 anos, quando ainda não se falava em reciclagem no Brasil. Hoje, o Brasil é o país que mais tem aplicações para o PET reciclado, sustentando um movimento de mais de R\$ 1 bilhão em faturamento líquido em 2008, um crescimento de 6% sobre o ano anterior. Esse valor representa quase a metade do faturamento do mercado de garrafas e embalagens de PET virgem, que foi de R\$ 2,187 bilhões em 2008.

É uma indústria que gera cerca de 2.500 empregos diretos na produção de resinas e preformas e outros 3.000 empregos diretos na reciclagem. Os empregos indiretos chegam a 25.000 postos, distribuídos na produção de resinas, preforma e reciclagem, sem considerar o contingente de catadores, avaliado em 800.000 pessoas, envolvidas na coleta de todos os tipos de materiais.

Segundo Auri Marçon, presidente da Abipet, entrevistado pela revista **embanews**, a sustentação de demanda para o PET reciclado faz com que a atividade de reciclagem do PET cresça ano a ano, tendo ultrapassado uma taxa de 53%. "Foi também o que ocasionou a menor queda de preço entre os materiais reciclados neste período de crise, chegando a 20%, quando para alguns materiais a queda foi de 40% a 60%", disse.

O foco da Abipet na questão ambiental deve intensificar-se ainda mais, visando o esclarecimento da opinião pública e autoridades, de forma científica, pois "quanto mais estudamos o PET e nos aprofundamos no assunto, mais confirmações obtemos de que ela é uma



Auri Marçon: A embalagem é imprescindível. Já atirar uma embalagem na rua é uma questão de educação e conscientização.

das embalagens mais amigáveis ao meio ambiente, afirma Marçon.

Os debates em torno da questão acirram-se neste momento quando empresas de bens de consumo são multadas por conta de uma lei impraticável, a Lei 13.316 (leia também na reportagem, na pág. 33). "Redações equivocadas nas legislações foram construídas sem análise mais abrangente daquilo que realmente funciona. Em muitos casos, carecem de lógica e técnica sobre o tema meio ambiente, que é relativamente novo para a sociedade", afirma Marçon.

Auri Marçon é engenheiro mecânico, pós-graduado em marketing e finanças pela FGV. Desenvolveu carreira na indústria química e têxtil, atuando em empresas ligada ao setor do poliéster como Rhodia-ster e Mossi & Ghisolfi. Marçon participou como palestrante da Exposucata 2009 - Feira e Congresso Internacional de Negócios da Indústria da Reciclagem de Sucatas, realizada em setembro, em São Paulo.

Embanews: Quais são as expectativas em relação ao mercado de PET este ano?

Auri Marçon: O consumo de resina alcançou >462 mil toneladas em 2008, um crescimento de 6,9% sobre 2007, o equivalente a um faturamento na ordem de R\$ 2,3 bilhões de reais em 2008. O faturamento obtido com os produtos reciclados foi de R\$ 1 bilhão, ou seja, quase a metade. Deveremos divulgar no próximo mês o Censo para Reciclagem de PET no Brasil. Não temos o número fechado ainda, mas os primeiros indicadores mostram que, no ano passado, apesar da crise, o volume de PET reciclado não diminuiu, pelo contrário, aumentou um pouco. Isso porque no primeiro semestre a demanda

foi muito forte, caindo um pouco no final do ano. No final de 2008 e começo de 2009, a indústria têxtil teve um bom desempenho, confirmando a teoria de que o consumo migrou de bens duráveis, mais caros, para bens de consumo. Neste ano, o primeiro semestre está se comportando de forma similar ao segundo semestre do ano passado, sem apresentar queda em volume, porém, sim, em faturamento. Em volume, tanto o mercado de garrafas virgens quanto o de produtos reciclados está estável, mas em rentabilidade houve queda, pois os preços do petróleo e da resina caíram bastante.

Elfbnews: Quais têm sido as razões do crescimento do PET no mercado de embalagens?

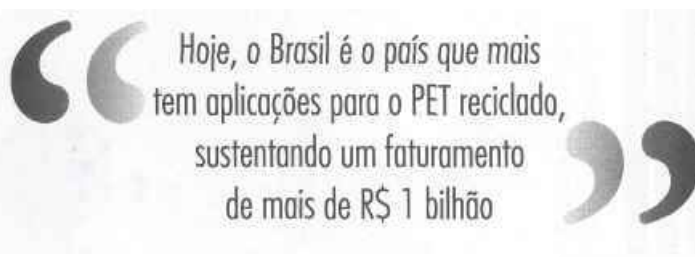
Auri Marçon: O PET cresceu muito e ainda tem um grande potencial de crescimento devido a uma série de características. Sem falar nos reconhecidos benefícios técnicos da resina, a embalagem PET promoveu a simplificação dos processos produtivos e da distribuição, proporcionando redução de custos; e também a democratização do consumo, principalmente no caso dos refrigerantes. A simplificação do processo tornou possível ao detentor da marca produzir sua embalagem no próprio local da fabricação, o que corresponde atualmente a cerca de 80% do mercado, eliminando a etapa do transporte de embalagens vazias. Todos os grandes fabricantes de refrigerantes tem sua planta de sopro in house. Houve ainda significativa redução no peso da carga, reduzindo os custos com transporte e o consumo de combustíveis, diminuindo a emissão de carbono. Fazendo um comparativo, quando um carregamento de um produto líquido sai em uma embalagem de vidro, cerca de 48% do peso da carga é proveniente da embalagem. Quando o mesmo carregamento sai em embalagem PET, o peso é de 2% da carga. Para o varejo, significou a eliminação da área de estoque para os cascos retornáveis. A movimentação e armazenagem de cascos representam um enorme aumento do capital de giro para as empresas, sem contar as perdas com as quebras.

Embanews: Como fica a contabilidade do passivo ambiental?

Auri Marçon: É isso que faz a Análise do Ciclo de Vida do Produto, que mede o impacto ambiental de cada produto, em toda a sua vida útil, desde a produção da matéria-prima até o destino final do resíduo pós-consumo, em relação a vários aspectos, como emissão de gases de efeito estufa, consumo de energia e água. Análises de ciclos de vida já realizadas por institutos especializados mostram que, das embalagens de refrigerantes existentes no mercado, as garrafas PET de 2 litros e de 3 litros têm as melhores performances em consumo de energia e água, e emissão de carbono. Sem contar que só 0,4% dos derivados de petróleo vão para a produção de PET.

Embanews: Mesmo com tudo isso, o PET, assim como outros plásticos, estão sendo tratados como vilões do meio ambiente. Como a Abipet está enfrentando a questão?

Auri Marçon: A questão ambiental é hoje central para a Abipet. O trabalho da Abipet e da indústria de PET na questão ambiental não surgiu ontem e nem quer ser uma tentativa de marketing ambiental. Existe uma história de trabalho que remonta há 15 anos, quando ninguém falava ainda em reciclagem no Brasil e algumas empresas foram buscar lá fora aplicações para o PET reciclado. Hoje, existe um sistema para a reciclagem do PET pós-consumo, que abrange a separação e coleta; a logística para que essa embalagem chegue a parque reciclador, a tecnologia para processar e beneficiar o PET



reciclado; e envolve saber também como gerar demanda para esses produtos. Quando um desses elos se enfraquece, todo o processo é interrompido. Durante bom tempo, trabalhamos para desenvolver demanda para os produtos reciclados. No início foi bem difícil. Tínhamos que suplicar para que algumas empresas utilizassem o PET reciclado. Eu mesmo participei desse processo. Hoje, as empresas batem à nossa porta com soluções para novas aplicações. O parque industrial também foi instalado. Se somarmos todos os investimentos de associados da Abipet em reciclagem, atingimos os US\$ 100 milhões. Atualmente, a maior parte do material provém de catadores, passando por comerciantes de recicláveis, conhecidos por sucateiros, que estimamos sejam responsáveis por 70% do PET que chega às indústrias de reciclagem. As cooperativas também começam a abastecer a indústria, assim como as empresas de coleta seletiva, além de alternativas como postos de entrega voluntária, mas ainda é muito pequena a quantidade de material proveniente dessas fontes. Hoje, o gargalo está na coleta.

Embanews: Explique, por favor...

Auri Marçon: Pouco mais de 5% das quase 6.000 cidades no Brasil possuem algum sistema estável de coleta seletiva. Significa que todo o material reciclável não coletado está sendo enterrado. Sabemos que não existe fórmula mágica para o problema. Porém, o desafio de aumentar a coleta em curto espaço de tempo passa obrigatoriamente pelo poder público, via Constituição. A Política Nacional de Resíduos Sólidos coloca uma proposta de corresponsabilidade que consideramos muito válida, que envolve o poder público, a indústria e a população. Mas é preciso que cada um faça a sua parte, caso contrário não vai funcionar. A questão da educação ambiental também é muito importante para ficar fora dos projetos ligados ao meio ambiente. A embalagem é imprescindível. Já atirar uma embalagem na rua é uma questão de educação e conscientização.

Embanews: Como o senhor viu a notícia das multas aplicadas para algumas empresas, relativas à lei 13.316 do Município de São Paulo?

Auri Marçon: O texto da lei 13.315 foi escrito com o objetivo específico de alavancar um projeto da antiga gestão de 2002, que pretendia fazer a Coleta Seletiva Solidária, na qual os catadores teriam participação importante. Esse projeto não foi levado adiante, a coleta seletiva não foi implantada e o lixo reciclável continua a ser misturado ao lixo comum. Com isso, todo esse material, que poderia gerar trabalho e renda para inúmeros trabalhadores e ainda proporcionar matéria-prima de boa qualidade para a indústria recicladora, que hoje trabalha com ociosidade em torno de 30%, está sendo levado para aterros sanitários de onde não se pode recuperar o material. Qualquer sanção que venha a ser imposta pela Prefeitura Municipal de São Paulo será discutível, visto que a lei é inexecutável na forma como está proposta, tanto pela exigência de metas ambiciosas demais para a recuperação das embalagens pós-consumo, como pela própria inação da Prefeitura, como se tem visto recentemente no caso da falta de coleta regular, que está deixando a cidade atolada em lixo. WWW.abipet.org.br